

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	5\$800	1\$900	3950	120
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	5	5
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	5	5

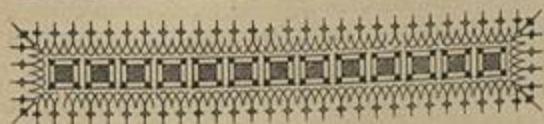
21.º Anno — XXI Volume — N.º 686

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

20 DE JANEIRO DE 1898



CHRONICA OCCIDENTAL

Com um excellente companheiro, um bom amigo, dos melhores e mais equilibrados talentos, parti de Lisboa em dia aziago.

Vão lá acreditar na influencia do treze!

Excellent viagem que me ha de deixar boas e duradouras memorias!

Falar-lhes de Lisboa não posso. É sobre um velho *Diario de Noticias*, no monte da Criméa, que escrevo esta chronica. Que lhes posso dizer da capital, que ahi não chegue frio, de molho dessoradado, perdido o sabor e com florescencias de bolor a embotar-lhe as formas?

Um sentimento apenas me mortifica: não lhes poder falar da *Sra. Ministra*, a ultima peça de Schwalbach, e não ter podido applaudir a comedia de Eduardo Coelho, *Pobreza, Miséria e C.*

Da comedia de Schwalbach vimos apenas o ultimo acto, delicioso, cheio de espirito. Assistimos á colossal ovação que lhe foi feita. A Eduardo Coelho mandamos um cordeal aperto de mão.

Longe, mais nos lembramos dos amigos.

Perto da uma da madrugada de sexta feira, desembarquei na plataforma da estação de Garvão com Joaquim Coelho de Carvalho, rico proprietario, senhor das herdades da Funcheira e Criméa.

Eis-nos no Baixo Alemtejo. Ao clarão tenuissimo da lua, ainda mal nascida e occulta entre as nuvens baixas, desenha-se o perfil dos montes coroados pelas azinheiras, branqueja no alto do cerro um cantinho de muro caiado do cemiterio de Garvão, e junto d'elle, vê-se a mancha negra e chata d'um cipreste esguio. Os choupos destollados, nas margens da ribeira, que corre lá em baixo, são como esqueletos, a que a proxima primavera, revestindo-os d'uma folhagem tenra, vai dar em breve uma nova vida. Mal se percebem na luz da noite os tons verdes das cevadas e dos trigos bem nascidos.

— Lindo tempo! Isto vai lindo! diz-nos o Xavier, chefe da estação e proprietario, abrindo-nos a porta do quarto, onde eu e Coelho de Carvalho vamos passar aquella noite, dormindo como bem-aventurados.

Paredes de taipa muito caiadas, pavimento de tijolo, vigamentos do telhado á vista, pequeninas esteiras junto dos leitos, estamos no Alemtejo.

A ribeira vai tão mansa que nem se lhe ouve o murmurio. Não coxam rãs, não cantam grillos nem rallos. A bicharia ainda não acordou para a vida. Está á espera dos golfos nas aguas e da flor da esteva nos montes.

Que sonhos bons aqui já sonhei por esses caminhos, durante os meus trabalhos na primavera passada, e que melhores os não tivera se não fôra tanta vez uma saudade de filhos, parentes e amigos, apertar-me o coração!

Toda esta charneca é um encanto, até no inverno, quando nas hastes finas da esteva mal começam, cheias de seiva, a apontar as primeiras folhinhas muito verdes, em cujo centro hão de florir as grandes papoilas de cinco petalas com uma chaga em cada uma.

Na vasta alfombra d'esses cabeços já se percebem, aqui ou além, as manchas arroxadas da urze em flor; já uma ou outra flôr de alecrim abre timidamente o seu botão perfumado. Mas a charneca, tomando exemplo dos insectos, ainda não acor-

dou para a vida e dorme por ora descansadamente o prolongado somno, em que os primeiros frios a mergulharam. Manhãs de nevoeiro. Ao abrigo de cada torrão na terra lavrada, em cada pégada de cabra, as aranhas teceram as teias que a neblina encheu d'uma poeira de brilhantes.

Trabalha-se a valer no amanho d'essas terras. O anno que passou não foi máo de todo; promete o actual ser magnifico. As seáras crescem a olhos vistos e alegre ver entre os mattos, vastos polygonos arroteados, verdes, scintillando ao sol d'estas bellas manhãs de inverno. A alegria do campo corresponde o contentamento dos lavradores.

As ovelhas tiveram as suas crias e os balidos de mães e filhos ouvem-se de muito longe, quando entram para as redes, hoje aqui, amanhã acolá, estrumando as terras da Corte Preta. O lobo foi lá uma d'estas noites; mas os cães são uns valentes e puzeram-o em fuga, de rabo entre as pernas.

Domingo houve mercado de porcos em Garvão. Pouco concorrido, que os compradores todos elles haviam partido para a grande feira de Almodovar.

Continue assim o tempo, e de cada coração hão de partir orações agradecidas ao Creador.

Trabalha-se. É ver tanta moréa pelas encostas e toda essa varzea da Funcheira a verdejar.

REAL THEATRO DE S. CARLOS



EVA TETRAZZINI CAMPANINI

(Copia de uma photographia de Brogi)

Dizia, ha dias, Coelho de Carvalho, que, outra vez, haveria milagres nos campos de Ourique, destinados a salvar Portugal.

A immensa charneca vae sendo arroteada. Um rico e muito intelligente proprietario de Garvão, o sr. Antonio Joaquim Martins, vae dando o bom exemplo, mettendo o arado pelos matos e transformando os matagaes em fertilissimos terrenos.

Domingo, á tarde, caminhei por essas cearas fóra até Santa Luzia, aldeia encantadora, escolhida por mim para scenario da minha ultima peça, essa obrasinha de vida ephemera, que me fez viver ainda uns mezes em Lisboa com as suavissimas e deliciosas recordações d'aqui levadas.

Como sempre que ali passo, parei no alto das Barreiras, entre as azinheiras e os velhos sobreiros da Corte Preta, admirando a meus pés aquelle vasto panorama cheio de mansidão, em que, como uma joia, destaca no opulento escrinio a aldeia com o seu humilde campanario branco e os tres moinhos de vento nos altos dos serros.

Tenho ali amigos e bons. Como a bom amigo me quizeram receber.

Domingo. Dia de descanso. Tudo na aldeia. Tudo contente. Olhos alegres de velhos risonhos. Rostosinhos de raparigas formosas, sorrindo á nossa passagem.

Uma benção de Deus!

Parámos em casa do nosso Jacintho Coelho, que nos offereceu, com deliciosos escaudinhos, o copo de vinho que bebemos á saude dos nossos amigos e á prosperidade d'aquella terra.

Tinha havido festa em Collos, d'onde a musica chegára, havia instantes. Devido aos cuidados d'um bom mestre, antigo musico militar, o sr. Augusto Carrilho, são notaveis os progressos que tem feito. Tive o prazer de poder felicitar o distincto professor, agradecendo a todos tantas provas de imerecida sympathia.

Um bom velho, Feliciano Carrilho, que a todos na aldeia soccorre com seu conselho e o muito que lhe ensinou a pratica de enfermeiro no hospital de S. José, abraçou-me commovido. E aos seus olhos cançados trouxe novo brilho uma lagrima. Ria, muito alegre, uma linda moça, aquella que me inspirou talvez na criação d'aquella mulher de campo, a que deu tanto relevo e tanta vida o talento milagroso e primaveril de Rosa Damasceno.

Nunca as minhas pequeninas glorias litterarias me deram tão santas alegrias. Não o merecia por certo, não me envaideceu. A bondade dos outros, o amor virtuoso que teem á terra em que nasceram e a que dei fama por uns dias, os poucos de vida que pode ter uma tão humilde obrinha d'arte só feita com um pedaço de coração, todo esse entusiasmo que brota nas almas singelas e saudias, são prova do que ellas valem e a consolação que á minha trazem seria peccado sujal-a com qualquer tinta de desvanecimento.

A lagrima d'um velho, o riso d'uns labios lindos, que melhor paga poderia eu ter?

Descia o sol. Entrámos um momento em casa do nosso amigo Antonio Gonçalves. Um beijo á netinha, um abraço á bisavó, um aperto de mão a todos, e partimos.

Quando chegámos ás Barreiras, era noite fechada, uma linda noite de inverno. Eu e o meu amigo José Antonio Pires, feitor de Coelho de Carvalho, íamos vendo subir as estrellas. Uns raios, poucos e tristes, cantavam no campo. Piava um mocho. Tilintavam as campainhas dos rebanhos da Corte Preta. Chegámos ao alto. Sirius appareceu-nos, brilhantissimo no céu.

Que tranquillidade immensa!

Como Lisboa estava longe!... E um remorso-sinho apertou-me o coração. Tinha um dever a cumprir: fallar aos meus leitores de tanta coisa interessante! Que haveria? E eu nada lhes podia dizer senão de mim, de amigos meus, do que se passára na aldeia, do que se estava passando nas estrellas!

Queiram desculpar.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

EVA TETRAZZINI CAMPANINI

É pela terceira vez que esta notavel artista cantora se encontra em Lisboa, fazendo parte da companhia do theatro de S. Carlos, em cujo palco

tem sido sempre alvo dos maiores applausos do publico d'aquelle theatro.

E com justiça lhe tem sido dispensados esses applausos, porque Eva Tétrazzini é hoje uma celebridade lyrica, uma estrella de primeira grandeza, uma cantora e uma actriz de raro talento, gentilissima e formosa, reunindo, emfim, os predicados de uma grande artista consagrada pelo publico das grandes cidades, desde a Opera de Paris, Napoles, Nice, Montevidéu, Barcelona e Madrid até Lisboa, que em todas o publico a tem applaudido e rendido preto aos seus meritos artisticos.

Eva Tétrazzini Campanini nasceu em Milão, e é discipula do grande maestro Mabellini e do professor Ceccarini, discipula das mais laureadas.

Estreou-se no theatro de Florença, na Margarida do Fausto, e foi uma estreia auspiciosa, que revelou a grande artista do futuro, na *Maria de Rohan*, no *Trovador*, na *Aida*, na *Gioconda*, no *Lo-hengrin*, no *Othello*, no *Propheta*, no *Barbeiro de Sevilha*, fazendo n'este ultimo o *travesti* de Al-maviva nas recitas de carnaval, com um graça in-excedível.

Campos Valdez escripturou Eva Tétrazzini para a epocha lyrica de 1888-1889, e foi então que o publico de S. Carlos pôde admirar e applaudir pela primeira vez a talentosa prima-dona, que deixou as mais gratas recordações aos espectadores da opera lyrica.

Quando Tétrazzini voltou no anno seguinte acollheram-a os mesmos applausos, despertou o mesmo entusiasmo.

Agora, depois de uma ausencia de sete annos, a aparição de Eva Tétrazzini no palco de S. Carlos, é um acontecimento artistico, que vem continuar as gloriosas tradições do nosso theatro lyrico, por onde tem passado as mais notaveis celebridades do canto e onde tem sido consagrados os primeiros artistas do mundo lyrico.

Tétrazzini estreou-se este anno no *Othello*, em que ella creou, com o seu grande talento de cantora e de actriz, o papel de Desdemona, como nenhuma outra artista o poderá egualar. Depois appareceu na *Cavalleria Rusticana*, interpretando a notavel partitura de Mascagni de forma superior, dando todo o brilho e colorido da deliciosa musica.

Mais distincta ainda se apresenta no *André Chénier*, a primorosa partitura de Umberto Giordano, que tem sido o maior triumpho do novel maestro compositor italiano.

Esta opera, que se representou pela primeira vez em S. Carlos, foi mais uma corôa para a notavel cantora e actriz, porque, quer cantando, quer representando, Tétrazzini affirma o seu bello talento de artista completa no papel de Magdalena.

No *Fausto*, que vae hoje representar, já podemos agourar o triumpho. É a partitura com que iniciou a sua aparição em publico, e por isso aquella que mais sympathias lhe merece, onde se sente melhor na sua primorosa criação de Margarida.

Dissemos que com justiça tem sido applaudida pelo publico de S. Carlos. É com toda a justiça que hoje Eva Tétrazzini tem logar na galeria de retratos do OCCIDENTE e lhe prestamos aqui homenagem ao seu talento.

UMA CIRCASSIANA

A Circassia é uma região da Russia da Europa, situada entre o mar Negro a O., o mar Caspio a E. e confinando ao N. com o paiz do Caucaso e ao S. com a Imerethia, a Abasia, a Mingrelia e a Georgia.

Occupa uma superficie de 80:850 metros quadrados tendo por capital Mozdok.

Paiz ora montanhoso ora plano, possui grandes prados nas margens do Kouban e do Terek. Os habitantes da parte de E. denominam-se tcherchenses e os de O. tcherkesses.

Os homens são de animo resolute e guerreiro, ciosos da sua independencia, reconhecendo só as leis dos seus chefes, pelo que o dominio da Russia é mais nominal do que effectivo.

Nos fins do seculo xv os circassianos eram christãos, mas depois abraçaram o islamismo, que é a religião que hoje professam.

É uma raça muito pura e tantô os homens como as mulheres são muito formosas, sendo proverbial a belleza das circassianas e das georgianas.

É um d'esses bellos typos de circassiana que a nossa gravura reproduz.



O MOSTEIRO DOS JERONYMOS

(Continuado do numero antecedente)

O claustro dos Jeronymos, obra artistica de primeira grandeza, tem os seus quatro lados completos em dois pavimentos; a quadra está ajardinada á moderna; foi destruido infelizmente o jardim antigo. No lanço do claustro que encosta á egreja, no primeiro pavimento, abrem-se as pequenas portas dos confissionarios; haahi tambem uma pequena janella de elegancia extrema.

As abobadas são arzooadas, em fortes nervuras, firmando-se nos lados que deitam para o jardim em seis grandes arcos por lado, cujos pilares e columnas assentam em stylobato, tudo revestido de bellos lavores.

Cada arco constitue só por si uma pequena abobada sob a qual ficam de ordinario dois arcos menores sustentados a meio por um pilar, e cada um d'elles ainda é subdividido ao meio por uma columna.

São todos de volta inteira.

Os olhaes nos vãos dos arcos ostentam emblemas, a coroa, a cruz de Christo, as cinco chagas, ora um M, ora um R, talvez as iniciaes de Rei, Manuel.

No lanço que encosta ao templo, no lado interior da parede ha quatro bustos em medalhões, que segundo a tradição antiga representam Vasco da Gama, seu irmão Paulo, Nicolau Coelho e Pedro Alvares Cabral. Algumas esculpturas em relevo ornam outros pontos das paredes. Primitivamente alguns paineis animavam ainda a construção.

No canto proximo da porta do refeitório conserva-se uma antiga fonte com seu leão de mármore sobre um tanque de bem singular lavor.

Os angulos do claustro são cortados de modo tal que produzem singular perspectiva, uma grandiosa impressão, ainda que em espaço relativamente apertado.

(Continúa).

G. Pereira.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

XVI

(Continuado do n.º 683)

O regulo que não quizera reconhecer a auctoridade dos estrangeiros chamava-se Silapulapu, mas outro regulo da mesma ilha chamado Lula, mostrou-se mais docil e tanto que prometeu a Magalhães o mandar-lhe presentes em troca dos que d'elle recebera.

Este Lula consciente ou inconscientemente foi a causa da desgraça do grande navegador. Elle incitou, por assim dizer, Magalhães a fazer a guerra a Silapulapú, e se o fez de boa fé ou de plano concertado para dar ruina aos christãos, é o que a historia não diz, mas se poderá inferir pelo modo como Lula procedeu.

Na manhã de 26 de abril de 1521, enviou Lula um seu filho a Magalhães com duas cabras, dizendo-lhe que se não mandava mais presentes, não era por sua culpa, mas porque Silapulapú a isso se havia opposto, presistindo em não reconhecer a auctoridade dos hespanhoes. Dizia mais o Lula que se Magalhães lhe mandasse alguns dos seus homens de guerra, elle promettia, com a sua gente, reduzir á obediencia o Silapulapú.

Esta simples mensagem de Lula, foi para Magalhães como que um repto á sua coragem e valentia.

Não se diria nunca que Fernão de Magalhães hesitava um momento quando lhe re-

clamavam o esforço do seu braço, a bravura do seu animo. Elle soldado ousado, que havia ferido guerras em Africa e que ha tanto tempo conservava a espada na bainha, sem ter ensejo de retemperar o aço da sua lamina reaçachando o inimigo. Elle a quem a aventura attrahia e povoava a sua imaginação das mais seductoras façanhas, encontrava alfin novo ensejo para experimentar se o seu braço ainda era o mesmo e se a boa estrella, que tinha guiado sempre as suas armas, mais uma vez o conduziria á victoria.

As circumstancias, porém, não se apresentavam muito favoraveis e d'isso o quiz convencer João Serrão, homem experiente, que não se deixava fascinar pela gloria, mais que duvidosa, da temeridade d'aquelle feito.

Era preciso attender a que a gente de Magalhães estava consideravelmente reduzida; uns que a morte tinha levado e outros que as doenças e trabalhos da viagem haviam impossibilitado. Os válidos eram poucos e esses mesmos meio depauperados.

Tudo isto ponderou Serrão a Magalhães. O rei de Zebú tambem se mostrou contrario á resolução do grande capitão, apesar de não poder calcular toda a força e valentia de que os christãos poderiam dispôr, na conta em que os tinha de homens extraordinarios, por assim dizer, sobrenaturaes. Entretanto sabia que o inimigo era assaz numeroso, e pelo sentimento nato de que, contra a força não ha resistencia, elle pensava, a despeito de todas as maravilhas criadas no seu espirito, quanto era arriscada e talvez fatal para os hespanhoes a lucta que ia travar-se.

Magalhães não attendeu as razões nem os conselhos dos seus e do rei de Zebú. Costumado a mandar e a ser obedecido, tanto mais depois de ter subjugado os proprios elementos para chegar ao termo da sua empreza, forças algumas seriam capazes de o demover da resolução que tomára, de submeter pelas armas os habitantes da ilha de Mactan que se negavam a prestar obediencia.

O numero dos seus soldados pouco lhes importava, como pouco lhes importava se o inimigo era assás numeroso. Estava elle com o seu braço e com a sua espada costumada á guerra contra infieis. Vencera em Africa muitas vezes contra milhares de indigenas, e de que façanhas se poderia orgulhar se assim não fôra!

A sua espada e a sua fé valiam por um exercito; sob o seu commando e ao seu lado cada soldado valia por mil. Eram assim as guerras d'aquelle tempo contra os povos d'alem mar, como o tinham sido na peninsula contra os mouros; a cruz levava de vencida o crescente por toda a parte, porque não havia de triumphar tambem ali?!

Para quem com tanta firmeza e sacrificio tinha desvendado os mares procelosos, para dar a volta ao mundo, luctando tenazmente pela sua idéa tantas vezes contrariada pelos

elementos e pelos homens, que valia agora a resistencia de uns selvagens?

Muito maiores obstaculos tinha elle destruido no seu caminho, sobrando-lhe sempre animo para proseguir ávante, e não podia comprehender que homens como aquelles que o acompanhavam na temeraria empreza que se propoz, que com elle tinham partilhado dos perigos para ali chegarem, se arreceassem agora de entrar em guerra com um bando de selvagens, e medissem primeiro cautelosamente as forças para se lançarem na lucta, quando nem sabiam ao certo o numero dos inimigos nem as armas de que elles dispunham.

O rei de Zebú era suspeito para informar da quantidade e qualidade do inimigo. Quem podia afirmar o contrario?

O triumpho das armas christãs importaria a submissão completa e incondicional de todos aquelles povos, e o grande capitão não só teria coroado a sua empreza de encontrar o mar do sul, mas traria á Hespanha tributarios os povos d'aquellas regiões, fascinados e submettidos pelo prestigio das suas armas.

Era de tentar a cartada! Quem lhe poderia resistir?!

(Continúa). Caetano Alberto.

UMA FEITICEIRA DO SEculo PASSADO

(Concluido do numero antecedente)

Que a referida feiticeira lhe ensinára, quando quizesse attrahir a si qualquer pessoa, fizesse tres cruces de ramos de alecrim e as pozesse em cima de um fogareiro, e queimando-as dissesse as seguintes palavras:

«Alecrim em cruz tres zezes, em cruz tres vezes, em cruz.»

E se os paos do alecrim ficassem negros não iria a dita pessoa a casa d'ella, mas que se ficassem brancos, havia de ir.

E para saber se alguma pessoa era viva ou morta, punha-se á janella a qualquer hora e passando pelas mãos umas cartas dizia:

«Côrte do ceo respondi-me:

E esperando as primeiras palavras que se diziam na mesma rua, n'ellas achava a resposta do que queria saber, o que fizera muitas vezes.

Que para saber o estado que havia de tomar, na noute de S. João Baptista tomava um bochecho de agua e passando por tres portas, a cada uma d'ellas resava um credo e chegando á janella havia de ouvir o nome d'aquelle que havia de ter por marido.

E tambem na mesma noute e para o mesmo fim deitava real e meio na fogueira e no dia seguinte dava-o ao primeiro pobre que ia á sua porta, e perguntando-lhe como se chamava, o nome que o pobre dizia que tinha, havia de ser o da pessoa com quem havia de casar.

Que a ré tinha ainda outra oração, para com ella fazer cura e curar especialmente erisipelas. Essa oração era a seguinte:

«Pedro e Paulo foi a Roma
Jesus Christo encontrou,
e elle lhe perguntou
Pedro e Paulo que vae lá?
Senhor, mal do monte, como será.
Pois Pedro e Paulo toma lá,
Dize, que se sente
Com oleo de oliveira
Com corda de esparto benzida
Logo sarará».

Disse mais a ré que tinha ainda outras orações que não lhe lembrava para que fins eram, sendo uma d'essas orações a seguinte:

«Cavallo infantil vejo vir,
Jesus Christo nos hade accudir,
O Anjo da Guarda nos hade guardar
E o menino Jesus nos hade curar.»

Por todos estes delitos e attendendo aos signaes de arrependimento que dera a referida D. Paula Thereza de Miranda Soutto Mayor, foi condemnada em pena e penitencia das suas culpas a ouvir a sua setença na sala do Santo Officio perante os inquisidores e mais ministros e officiaes d'elle e algumas pessoas ecclesiasticas e seculares e regulares, a fazer abjuração de leve suspeita na fé, degradando-a por tempo de tres annos para fóra da patria e arcebispado de Lisboa Oriental, sendo instruida nas causas da fé, necessarias para a salvação da sua alma, cumprindo além d'isso as mais penas que lhe foram impostas e pagando as custas do processo».

E a inquisição condemnava a taes penas uma mulher, por simples patacuadas a que o *santo* tribunal parecia ligar a maior importancia. E por pouco mais, quantos desgraçados de ambos os sexos não foram condemnados á fogueira!

Manuel M. Rodrigues.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FERRINA

IV

(Continuado do numero anterior)

Dois maridos á vista

Quando desceram a escada da casa Trombeta, transpuzeram a porta da rua e emprehenderam o caminho que os separava do seu domicilio commum, Joaquim e Romulo já não riam; antes pelo contrario, estavam sérios como nunca e um tanto inquietos; até caminhavam apressados ao lado um do outro, Joaquim dando tres passos emquanto Romulo dava um, e silenciosos.

N'este comenos, Joaquim estacou de repente a meio da rua, descahindo para traz a cabeça e deixando pender os braços — mimica eloquente que em discursos *ex-abrupto* pode muito bem servir de exordio, Romulo, porém, andou para deante sem voltar a cabeça, e Joaquim teve de deitar a correr para o alcançar.

— Damos então marido á Amelia? disse, d'ali a pouco.

— Já se vê... quero dizer... tentaremos. Quem sabe! Tu disseste que tinhas deitado o olho a um?

— Disse, por dizer: tens acaso algum em vista?

— E tu?

Andaram mais um pedaço sem dizer palavra; caminhavam na mesma direcção, pelo mesmo passeio; a manga do Joaquim parecia cosida ás calças de Romulo, e comtudo, nunca estivera tão proximo dos dois inseparaveis o perigo de terem de separar-se.

— Que casta de pretendente é o teu? disse Joaquim.

— Não é um pretendente... confio, porém, que será um candidato.

— É louro?

— Não, moreno. E o teu?

— Tambem é moreno. E rico?

— Rico... como o teu.

— Ora!... como o meu! Isso é um modo de dizer... exclamou Joaquim, agarrando no braço de Romulo.

— E é bem parecido?

— Muiissimo, e tem um caracter meigo, generoso, modesto; demais a mais, é pessoa de muito juizo.

Joaquim, logo ao primeiro epitheto, apertára o braço a Romulo; ao ultimo, largou-o. — Ai! o seu candidato nem era formoso nem de grande tino, antes feio e um tanto louco, posto que não perigoso. Não havia conciliação possivel! Seria forçoso separarem-se: restava, no entanto, uma consolação reciproca, que o Romulo suggeriu.

— Não me digas quem é o teu candidato; não quero saber; e se o tens ao alcance da mão, tanto melhor, aperta-a para que não te escape. E d'ahi, já é sorte podermos apresentar dois.

— É o que eu digo, accrescentou Joaquim; já é sorte que tenhamos pelo menos dois; vê se te lembrás de outro, que eu verei tambem. Se nós podessemos juntar meia duzia e fazel-os desfilar um apoz outro perante a nossa pequena rainha, que mal haveria n'isso? Não vejo nenhum; pelo contrario, o bello ideal seria que fôrmassemos dois batalhões de pretendentes, todos sadios, bons

rapazes e robustos... Mas, deixemo-nos de brincadeiras... O marido proposto não tem de agradecer unicamente a nós dois...

— De certo que não; antes de tudo deve agradecer á rapariga; não está nos casos de casar com o primeiro que lhe appareça.

— Não; não está n'esses casos; elle é que tem de escolher.

— E se tem de escolher deverá haver dois candidatos, quando menos... portanto, estamos em regra; eu tenho o meu, tu, o teu. Quantos annos tem o teu?

— Ah!...

— Muito bem! Perfeitamente! — manifestou o Joaquim, pouco depois.

— Antes assim!...

— Sim; antes assim — balbuciou o Romulo, não achando o fio ao pensamento e procurando-o ás apalpadellas.

— Melhor é assim — repetiu o outro; — se o teu candidato e o meu se parecessem em tudo, não seriam dois mas apenas exemplar duplo da mesma pessoa.

— Seriam um par. E quem teria alma de os sepa-

Por mais que dissessem com o intuito de se vencerem, não só se não convenciam, como que estavam cada vez mais persuadidos do contrario: isto é, que o melhor seria terem entrado em accordo ácerca da mesma pessoa, agarral-a com quatro mãos, apresentarem-n'a juntos, triumpharem, um e outro, ou serem ambos repellidos, para volverem de braço dado a fazer novas pesquisas, animando-se alternativamente.

— Apósto que vou adivinhar em quem é que poseste os olhos — disse, melancolico, o Joaquim.



UMA CIRCASSIANA

— Deve andar entre trinta e cinco e trinta e oito, mas parece mais novo. E o teu?

— Anda pela mesma.

— É sadio?

— Como um peixe. E o teu?

— Como um peixe sadio; d'uma robustez phenomenal!

— Tal qual o meu; e com muito talento.

— Exactamente. E Joaquim, agarrando-se de novo ao braço do amigo, adduziu: — Oh! mas é verdade que...

— E a estatura? Que estatura tem? perguntou Romulo, com certa ansiedade.

— O meu atira para baixo.

— O meu atira para alto.

rar? E como é que ella havia de casar com ambos?

— Melhor é, pois, que o teu atire para alto e o meu para baixo; nós não sabemos como a rapariga o quererá...

— Ha-de querê-lo pequeno — redarguiu o senhor Poma; — tenho notado sempre que os homens pequenos são felizes com as mulheres... O teu candidato será talvez preferido; tanto mais que é bem parecido, e o meu, em boa verdade, não o é... mas, em fim... a gente nunca sabe o que... Mais vale assim!

— Mais vale assim!

Porém Joaquim suspirou, sem dar por isso, enquanto que o Romulo, mais acutelado, fez sair o suspiro pelo nariz. — Não valia mais! não!

— Adivinha, adivinha.

— Dize a primeira letra do seu nome e dir-te-hei a primeira letra do do meu.

— E — disse Romulo — e por detraz d'aquelle E maiusculo escondia-se um suspiro.

— E a segunda é um F, hein?

— Eneas!

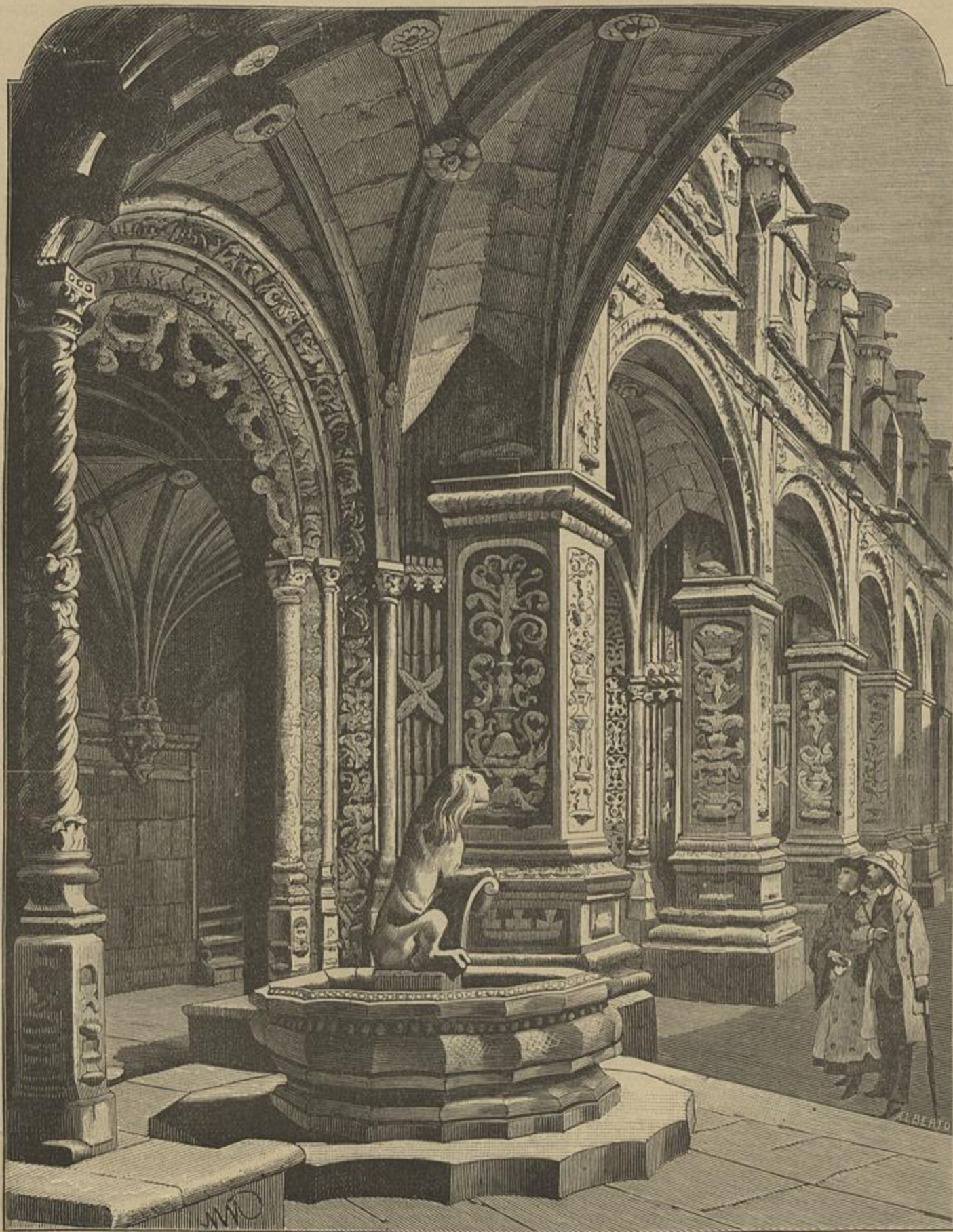
— Ferri! — exclamou Joaquim.

— O teu candidato é o Eneas Ferri, ... o engenheiro?

— O Engenheiro Eneas Ferri é o teu candidato?

D'esta vez, plantou-se o Joaquim a meio da rua com solemnidade classica e entrou a rir a bandeiras despregadas e com tal exaggero, que por

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — UMA VISTA DO CLAUSTRO

(Cópia de uma photographia)

um pedaço não conseguiu moderar o riso, e foi preciso intervir a tosse para fazer com que se callasse.

Tossiu uma vez, duas, tres... mas, por obediencia, que não por outro motivo, encomendou ao diabo alegremente o catarrho e travou do braço ao Romulo.

— Bem dizia eu! exclamou — que tu tinhas posto os olhos no meu Eneas! — É um marido que nem de encommenda... Encontra-me outro com tanta inclinação para o matrimonio, se és capaz!

— Com tanto merito, com tantas virtudes, com tanta alma!

— E rico, demais a mais, o que, para que digamos, não é defeito.

— Não só rico, senão que ganha dinheiro, o que ainda é melhor. A profissão rende-lhe muito. E' môço... é formoso... ora dize: não achas que é bem parecido?

— Não digo que seja disforme, nem feio, tão pouco — asseverou o Joaquim — porém, no que respeita a esthetica masculina, tenho ideias pro-

prias... A formosura no homem, caro Romulo, consiste nos olhos e no nariz! uns olhos bonitos e um nariz bonito salvam a todo e qualquer homem. Ora bem, o nariz do nosso Eneas não me parece inteiramente... e tambem os olhos...

Romulo, á luz de um lampião, para o qual se encaminhavam, fitou o afinado nariz do companheiro, os seus olhos vivos que fuzilavam, e apenas penetraram na sombra, sorriu-se.

— Era bem melhor que me disseses, — proseguiu o Joaquim — porque é que achas baixo o

engenheiro Ferri, que tem quasi um palmo mais do que eu... Lá por te teres encarrapitado n'um campanario e eu ter ficado ao sopé, serei por ventura um anão? — Quer me parecer que o não serei!

Romulo contentou-se com soltar alegre gargalhada.

— Bonito ou feio, alto ou baixo, — disse, em seguida, Joaquim, — o que importa é que o engenheiro Enéas Ferri seja todo de uma só peça e indivisível qual o é um atomo.

— E um marido.

— Contenta-te com o atomo; enquanto a invisibilidade, inspira-me mais confiança.

— O que importa é que o nosso Enéas agrade á Amalia e que a Amalia...

— Enquanto á Amalia podes estar descansado; o Enéas assim que a vir, vira-selhe o miolo. É coisa concluída. Se acaso sobrevierem obstaculos, temos dois braços para...

— Cinco... que o dr. Roque empresta um...

— Dize antes, seis, porque tem uma tremendisima força no braço que lhe correi. Se m'o agarra com elle! ai! pobre Enéas! podemos fazer de conta que está cravado na cruz do matrimonio...

Realçando com um ditinho picante cada palavra, e cada ditinho com uma casquinada de riso, chegaram os dois amigos ao seu habitaculo. Ia o criado a abrir a bocca para fallar, quando o Joaquim, através dos vidros da entrada, divisou luzes na sala.

— Quem está cá? perguntou Romulo.

— O sr. Frederico Melli... Está aqui desde as oito... sem se mover d'ao pé do fogão. Já fui duas vezes espertar o lume e encontrei-o sempre na mesma attitude, com o periodico na mão e os olhos fitos nos tições...

Joaquim e Romulo, sem pronunciarem palavra, sem saberem o que pensassem de tão estranha visita, abriram a porta e entraram na sala.

Frederico, um guapo moço, trigueiro, de seus trinta e seis annos, quando muito, com semblante entre sarcastico e triste, ergueu a cabeça e sorriu para os dois amigos.

— Com que emfim, chegaram! seus tunantes! disse com jovialidade contrafeita.

Romulo, apressado, foi ao encontro do visitante.

— Tu por aqui! a estas horas! Isto que quer dizer?

— Admiras-te, caro velhote? Desde que tomastes juizo, já ninguem vos encontra no Casino; já não podia passar sem vos vêr, sem escutar a palavra sagrada da veneravel vetustez! Tinheis saído para ir, Deus sabe aonde. Não sabia o que havia de fazer comigo esta noite e deixei-me ficar aqui á vossa espera, ao pé do lume. Vamos a vêr — accrescentou com accento languido — quer-me parecer que vos fizestes esperar assaz. Que horas são?

— Deram onze, disse Joaquim; fizeste muito bem em esperar por nós, o peor é que ter-te-has aborrecido.

Joaquim e Romulo não despregavam os olhos do seu amigo, que tinha lançado mão da atanaz e entreteinha-se a bater com ella sobre uma acha de lenha.

— Não, replicou; creio que não. Entreteve-me a fazer rabiar estes tições, atormentando-os, como vêem; divertia-me o vêr as chispas do seu impotente despeito. Li o jornal d'hoje, que estava em cima do fogão... a Bolsa subiu, eu joguei na alta e ganharei, salvo erro, cinco ou seis mil francos... e isso pôz-me de bom humor. E d'ahi, ao que parece, foi derrotado outro bando de carlistas, o que me não desagrada. Nada mais que preste; quero dizer... pescaram no canal del Naviglio um rapaz, morto, já se vê; ignoram-se as causas do suicidio; e, sem mais pormenores, até amanhã... E até amanhã — repetiu, erguendo-se — é tarde, vou-me embora; vocês hão de ter somno; aposto que vão sempre para a cama antes da meia noite, agora que tomaram juizo...

— Tu occultas-nos alguma coisa, atalhou o Joaquim, travando-lhe da mão; terás algum desgosto? Confia-o a estes dois velhos, que são teus amigos verdadeiros.

— Desgostos, eu? A minha vida é o mais formosa que desejar se pode; sou rico; se jogo na alta, a Bolsa sobe logo, unicamente para me fazer a vontade; não me falta nada, pela palavra nada... quero dizer, falta-me uma coisa, e vim aqui para vol-o participar.

— Que é que te falta? perguntou Romulo; e Joaquim, como um echo, repetiu:

— Que é que te falta?

— Descubri um thesouro.

— Um thesouro!

— Sim; na minha quinta junto ao lago de Pusiano, devem ter enterrado um thesouro no tempo das guerras de Napoleão; encontrei um documento que me dá certos indícios...

— E agora o que te falta?

— Falta-me encontral-o, ora hi esta... e quando o tiver encontrado, já me não faltará nada.

Deu um aperto de mão aos seus dois amigos, encarando-os com rosto alegre, sahiu para a sala de entrada, tomou o sobretudo e saiu pela porta fóra.

Joaquim e Romulo acompanharam-n'o até ao patamar da escada; quando o rumor de seus passos se perdeu no portal, voltaram á sala e de alli ao quarto de cama sem pronunciar palavra...

Depois, Joaquim disse, apressado, a Romulo: — Não gostei da cara do Frederico: mais dia menos dia, o rapaz faz para ahi alguma asneira...

— E' um espirito extraviado; bom coração... mas é ôco... uma alma vagabunda...

— E se não se apegar a alguma coisa d'esta vida — murmurou o Romulo, cubrindo o extenso corpo com a colcha — receio bem que ao primeiro choque...

— Também receio... Em quanto não soffrer dôr verdadeira, levará a vida com a mesma monotonia. Que venha um sobresalto qualquer... venha um cuidado, e então...

A phrase era evidente, posto que nem um nem outro a quizessem terminar.

— Apago a luz?

— Apága.

A luz, porém, ficou acêsa.

— Dêmos-lhe mulher! — exclamou Joaquim, de repente.

— Uma mulher que lhe dê meia duzia de pequeruxos, e está salvo o Frederico! — exclamou Romulo.

— Dêmos-lhe a Amalia!

— E o outro?

— Ficará de reserva; se a candidatura do Frederico for mal, lançamos mão á do Enéas.

— Pobre Enéas!

— Verdade, verdade, — murmurou Joaquim — não o merece: coitadito! E de mais, — sem que isto seja ir contra o Frederico, parece-me que para marido não haverá outro com tanta vocação como é o Enéas!

— Não ha, e se o houvesse, não seria o Frederico; pelo contrario, receio que ria nas nossas ventas quando lhe proposéres que tome estado.

E's tu que lh'o has de propor; é a quem tôca.

— E porque hei de ser eu?

— Porquê? Porque é mais alto. Certas propostas como certas sentenças, tem de ser emitidas com a cabeça inclinada; aconselho-te que te ponhas nos bicos dos pés, para que a palavra esposa lhe caia mais de cima.

E a luz ficou acêsa um bom pedaço.

(Continúa)

Pin-Sél.

BIBLIOGRAPHIA

«A Escola Primaria em Portugal», por J. Simões Dias, professor do Lyceu de Lisboa. Porto. Edição da Educação Nacional. 1897. 1 volume, 206 paginas.

Este livro é, na sua origem, a confirmação solemne do velho dictado: «Ha males que vem por bens.» Com effeito, a publicação do *Censo da população do reino em 1860*, demonstrou que Portugal, com cinco milhões de habitantes, tem quatro milhões de analphabetos; e este facto, que é uma miseria e uma vergonha, suggeriu a alguns homens de boa vontade a ideia de iniciarem uma cruzada a favor da instrucção do povo.

Reconhecida a necessidade urgente de supprimir a nodosa do analphabetismo, que tanto alastrou por esse paiz fóra (mercê da indifferença publica e da incuria e do desleixo dos governos), era mister, como preliminar indispensavel, tratar de erguer o nivel da escola primaria á altura da instituição.

A frente d'esse movimento, altamente patriótico e civilizador, collocou-se o sr. dr. Simões Dias, illustre professor e pedagogista insigne, que, n'uma serie de brilhantes artigos como todos os que saem da sua penna, vem fazendo uma activa e energica propaganda a favor da causa da instrucção.

Obedece aos mesmos intuitos o livro a que me refiro. Na advertencia diz o auctor: «Constituida por artigos avulsos publicados recentemente na excellente revista portugueza, a *Educação Nacional*, e agora submettidos a um plano unitario, a presente publicação reproduz ainda o generoso entusiasmo de propaganda iniciada por esses artigos, e continúa, pela reproducção, o esforço e a tenacidade com que entramos n'essa lucha do patriotismo e da humanidade, em defesa de uma

instituição que só por si é capaz de regenerar o paiz.»

Estas palavras só eram bastantes para se aquilatar o valor do livro; mas o nome do auctor e a grandesa do assumpto exigem mais demorada attenção.

*

Artigos avulsos, publicados em revistas ou folhas periodicas, obedecem, por via de regra, a exigencias de occasião; de modo que tentar reuni-los n'um conjuncto harmonico é já de si uma tarefa aspera e muitas vezes difficil. Essa difficuldade, porém, venceu-a admiravelmente o auctor do livro, dividindo o em seis partes e subordinando os artigos, pela ordem da sua materia, a cada uma d'essas partes, que formam outras tantos capitulos. Intitulam-se elles: *A Escola e o Estado*; *Edificios Escolares*; *As Despeças da Instrucção*; *A Missão da Escola*; *O Decreto Organico de 1894*; *Propaganda Necessaria*.

A reunião methodica d'esses capitulos constitue o livro *A Escola Primaria em Portugal*, livro em que o auctor desenvolve este thema com rara proficiencia e grande lucidez de exposição, e em que trata a questão da educação nacional á luz dos verdadeiros principios scientificos.

Ora a escola, attendendo á sua natureza e aos seus fins, relaciona-se com os mais graves problemas sociologicos, e, nas suas funcções especiaes, liga-se com a physiologia, com a psychologia e com outros ramos de sciencia; mas todas as questões do ensino, segundo a pedagogia, podem reduzir-se a tres: educação physica, educação intellectual, educação moral.

Considerada sob este triplce aspecto, a escola primaria em Portugal, cuja actual situação está denunciada na estatistica official, não instrue nem educa, porque é má a organização escolar. As causas em que essa má organização se baseia assignala-as o auctor do livro. Diz elle: «... ainda não chegamos, por mal de nós e de todos, a convencer governantes e governados de que não ha progresso possivel, estabilidade de instituições, prestigio de auctoridade, vigor patriótico, garantia de trabalho proveitoso e segurança de futuro, sem essa larga base diamantina sobre que assenta o edificio social, a escola primaria.»

E não só está mal organizada a escola, mas não se acha ligada á vida pratica, porque ainda se não introduziram no ensino os trabalhos manuaes, que os alumnos mais tarde terão de desenvolver e aperfeçoar, quando forem lançados na labutarção dos campos, das fabricas e das officinas.

Baseando-se em documentos, officiaes, diz o auctor: «Na escola portugueza falta tudo quanto é indispensavel para que os exercicios escolares produzam os seus beneficos effeitos.»

Não ha exercicios physicos, gymnastica, jogos, saltos, excursões, exercicios musculares, e, portanto, não ha educação physica.

Na escola, tal como ella está organizada, ás creanças mal se lhes pode cultivar as faculdades intellectuaes: *a sensibilidade a intelligencia, a vontade*; e por isso é defeituosa e incompleta a educação intellectual.

A educação moral, é decerto a mais complicada e a mais importante de todas. Melhorar o homem tem sido a questão dominante. Admittindo mesmo, diz o auctor, a theoria de Spencer, que reputa a illustração da intelligencia um facto indifferente perante a moralidade, ainda á escola fica o direito de reclamar para si a gloria de ter transformado o selvagem em pessoa consciente.

Mas como se resolveu na escola portugueza o grave problema da educação moral do alumno?

N'este ponto diz o auctor: «Nada que lhe falle á alma e ao coração; nada que lhe desperte as ideias do justo, do bello e do verdadeiro; nada que lhe acorde a phantasia para a creação esthetica; absolutamente nada que lhe dê uma ideia clara do brio, do valor da dignidade pessoal.» Eis ahi a educação moral.

E se d'estes principios essenciaes passarmos a coisas igualmente necessarias, taes como a situação do professor, os edificios escolares, a mobilia, a organização e os methodos do ensino, confrange-se-nos o coração ao ler o triste inventario das condições em que se encontra a escola primaria portugueza.

O auctor analisa o decreto organico de 22 de dezembro de 1894, e, comparando-o com as leis anteriores, demonstra cabalmente que elle representa um retrocesso em a nossa legislação.

Com effeito, a centralisação do ensino, por exemplo, foi um erro e um erro funesto, que já está produzindo resultados desastrosos. Cré, porém, o auctor que a descentralisação ha-de voltar, porque as leis do progressos ão iniludiveis.

Por ultimo, o auctor dirige conselhos ao pro-

fessorado, indicando-lhe os congressos pedagogicos, a liga dos professores primarios, e os meios praticos para elles conseguirem melhoria de situação.

Referindo-se aos congressos, diz o auctor: «O problema de instrucção e educação nacional, tem de ser resolvido quanto antes, por ser o ponto de partida para a solução das graves questões economicas que dia a dia se estão annunciando por successivas crises de trabalho e por constantes sobresaltos politicos».

Nestas palavras revela-se o publicista insigne, que, com o seu talento genial, abraça o estudo das mais graves questões sociaes.

Resumindo: *A Escola Primaria em Portugal*, sob o ponto de vista da instrucção, é um dos melhores livros do auctor, e, sem duvida, aquelle, em que melhor se afirma a sua individualidade como sociologo e como pedagogista.

Nunca se escreveu em lingua portuguesa um brado mais energico e mais eloquente em prol da escola e do professorado.

A maneira superiormente elevada porque o auctor trata o problema da educação nacional e as ideias que tão brilhantemente sustenta sobre uma questão tão grave e complexa, collocam o dr. Simões Dias a par dos mais notaveis publicistas; e, se a politica do nosso paiz um dia acordar com lampejos de bom senso, encontrará no eminente professor o futuro ministro de instrucção publica em Portugal.

Tondella, 10. XII, 97.

EDUARDO DUARTE.

CHRONICA DE PARIS

No meio da doentia excitação produzida pelo processo Estherazy e todos os esperados e inesperados factos que d'elle se derivaram, o espirito sente como um apasiguamento, contemplando no meio d'estas luctas de semitas e antisemitas, um grupo de corações e intelligencias d'élite que no anniversario da morte do que lhe foi camarada e amigo, se reúnem n'uma igreja, onde se deixam á porta odios e malquerenças, para irem depois ao tumulto do que outr'ora cantou o amor, a amizade, as flores e as mulheres, tudo quanto é delicado e formoso, para dizer-lhe que o não esquecem, e levar-lhe flores, muitas flores, essas irmãs que o «pobre Lélian» tanto amava.

Isto pensava eu no poetico cemiterio des Batignolles, onde os amigos de Verlaine depois d'uma missa em Sainte Clotilde, foram em piedosa rotagem ornar-lhe o tumulo de flores. Bem hajam os que não esqueceram aquelle que ha dois annos lá dormem o eterno somno.

Sahindo do cemiterio, sentia-me n'essa disposição, que não é tristeza, mas está muito longe da satisfação. Precisava isolar-me um pouco d'este bulício, que em Paris é verdadeiramente vertiginoso. Dirigi-me para o Louvre, e no meio d'aquellas maravilhas, que tantas vezes passo horas a contemplar, fui passeando a minha meditação até ás duas telas de Theodore Chassériau. O *Tépiderium* e *Suzaine au bain*. Chassériau é realmente o pintor de quem Ingres dizia que viria a ser «o Napoleão da pintura».

Não teve tempo de cumprir todas as promessas do seu magnifico talento. Aos 37 annos morria deixando espalhados por varias igrejas, e nas mãos de diversos amigos, quadros de verdadeiro valor; trabalhos em que forcejou por reunir, o que se convencionou chamar o desenho de Ingres, e o colorido tão original de Delacroix. Foi esse descontentamento entre esses dois tão proeminentes vultos que lhe amargurou a vida, tornando-o um pária entre os dois campos.

A sua intransigencia em materia d'arte indispozera-o com Ingres; que fora seu mestre e lhe prophetisára o mais brilhante futuro.

A morte veio surprehendel-o não o deixando chegar á culminancia que elle entrevia, ou talvez poupando-o ao desespero de sentir que nunca realisaria o seu ideal.

A estação theatral bat *son pleisa*. Sarah Bernard na Renaissance, Coquelin na Porte Saint Martin representam n'este momento duas peças de primeira ordem. A primeira está em scena com uma obra prima, *Les Mauvais Bergers* d'Octave Mirbeau, peça que toda a critica elogeou menos a de Sarcey, o que valeu ao Collares Pereira francez uma reverenda tosa do auctor... em letra redonda, tosa que, se deu do espirito do Mirbeau uma alta ideia deixou a mais triste impressão do seu character, pois que, o auctor dos *Mauvais Ber-*

gers, para se vingar da critica severa do gordo Sarcey, veio n'um artigo de mau gosto lembrar-lhe que a morte lhe anda a fazer negaças e representar-lhe muito ao vivo a scena do seu final, empolgado pela apoplexia quando no seu fauteuil d'orchestra assistir risonho a uma primeira representação!

Ora ainda que Sarcey morra d'uma apoplexia, isso não provará que elle não tivesse razão na sua critica, e Octave Mirbeau não poderá dizer: — Já veem que tive razão chamando-lhe um pessimo critico. — Não reprovoo que um auctor se deffenda da critica injusta ou malevola, mas não pelo processo de prophetisar ao critico qual será a sua morte. Sarcey não terá razão de reccar que seja um derramamento de vaidade que leve d'este mundo o espirituoso auctor dos *Mauvais Bergers*?

O processo é velho. Um critico brasileiro de Camillo já lhe dissera que elle tinha doença de espinha: deixemos porém aos espiritos americanos, que é mundo-novo, a originalidade de fazer critica litteraria dizendo como havemos de ir para o outro mundo...

A Europa não precisa importar essas maneiras engenhosas d'alem-atlantico.

Ao lado da Renaissance, no seu pequeno theatro, refugio do revoltado espirito de Coquelin, o grande actor, que tantas creações extraordinarias tem feito, assombrar-nos com o desempenho *ne-plus-ultra* do *Cyrano de Bergerac*, de Rostand, uma peça já de si primorosa e que constitue o maior exito da epoca. Feliz epoca para o theatro, a que ainda em meio já nos deu uma dezena de peças de primeira ordem, falando apenas das de grande arte, como *Les Menottes*, o *Cyrano*, as *Filles de Mr. Dupont*, o *Passé*, a de Mirbeau, em que já falei, o *Tristau* e outras. Se fosse apenas isto, já os amadores de theatro deviam estar satisfeitos; mas Paris é uma grande cidade com 20 ou 60 theatros aproveitados constantemente, de dia e de noite, succedendo se ás *matinées* as *soirées* com as enchentes á cunha por toda a parte. Na *Comédie* e no *Odéon* ha consecutivamente obras primas classicas e modernas, desempenhadas inexcitavelmente; por toda a parte e a toda a hora ha conferencias d'arte, pequenos espectaculos a preços reduzidos, leituras de poesias classicas, audições de musica, bellos concertos de execução impecavel, de forma que o espirito mais *gourmet* acha sempre onde se prenda e de que viva. Nos ultimos annos o culto das artes tem augmentado successivamente, e hoje pode considerar-se na culminancia.

E' pena que um paiz d'estes não tenha o sufficiente sangue frio, e diremos antes, a sufficiente altivez, para não se deixar cair em tristissimas situações que denunciam uma desorientação lastimavel.

A trapalhada do Panamá por exemplo!... Uma vergonha d'aquellas, um tal escandalo, devia ter sido varrido da testada da França de uma forma tão energica e tão clara, que não ficasse no logar da nodoa o panno queimado pelo chloreto, como nos lenços manchados de tinta. O Panamá foi uma verdadeira magica cheia de imprevistos, de alçações por onde desapareceram *les gros bonnets*, e que terminou como os romances chamados *mo-raes*... Não direi pelo casamento, mas emfim, tudo muito bem, e mostrando-se que todos os personagens *afinal de contas* eram optimas pessoas.

Agora segue-se a questão Estherazy, que é outra e maior trapalhada, mais vergonhosa ainda, porque se não tem a intensidade moral da corrupção d'uma camara, que é o coração d'uma instituição, tem a mais grave ainda da corrupção d'um exercito, que precisava bem estar menos desmoralizado. É uma cadeia de suspeitas, de acusações de traição, em que os melhores officiaes do estado maior francez se acham envolvidos, situação tristissima que o governo devia tirar a limpo, fossem quaes fossem os resultados, pois que uma verdade ainda que custe a dizer-se, dá mais nobreza a quem a confessa, do que a série de mentiras com que se pretenda occultar um erro.

A excitação dos espiritos é grande. Hontem Zola escreveu uma carta, publicada no *Aurore* e dirigida ao presidente da republica, primorosa, seja dito de passagem, em que accusa todos os que outr'ora condemnaram o deportado da ilha do Diabo e todos que directa, ou indirectamente, tomaram parte no julgamento de Estherazy. A carta foi lida com avidez, mas ninguem se deixou arrastar para fóra do campo em que até ali esti-

vera, e mesmo houve quem comprasse avultada quantidade de numeros do *Aurore* para os queimar em frente das janellas da redacção d'aquelle jornal, com grande applauso da multidão que assistia ao improvisado *auto de fé*.

Isla engana-se talvez, mas não se lhe pode contestar nobreza e coragem no entusiasmo com que combate pelo fraco. Ora, n'este tempo em que a bravura nem sempre está na ordem do dia, todos os corações generosos, seja qual for o seu pensar a respeito da questão Dreyfus, não poderão deixar de applaudir o grande escriptor.

Foi nomeado director da *Opéra Comique* Mr. Carré que, sendo tudo o que ha mais parisiense, possuindo largo conhecimento da direcção d'essa complicada machina, que se chama theatro—sendo além d'isso energico, *boulevardier* e com um passado que garante as boas intenções com que aborda o difficil governo do segundo theatro lyrico de Paris, é o director ideal.

Mr. Carré tem fé nos novos; e como maxima, que para poder julgar-se uma obra musical é preciso ouvir-a e portanto que haja um theatro que a acolha, quando a obra for uma opera.

E' pois uma revolução que o novo director da *Opéra-Comique* se propõe realizar, e uma maneira differente da do seu predecessor.

Mr. Carvalho era um homem de espirito, um character magnifico, mas tinha talvez o defeito de ser extremamente fidalgo e de *s'emballer* com facilidade, do que resultou muitas vezes não attender á arte tanto quanto seria para desejar, e de nunca medir com precisão os recursos de que dispunha.

Paris, 17.

M.^{me} de Mello.



Recebemos e agradecemos:

Nas vespers da festa — Centenario da India (*Carta de um indio a D. Vasco da Gama*) 1897.

Enviado de Margão, pelo auctor, sr. José Francisco Barreto Miranda, temos presente um exemplar do poemeto acima, em que, seguindo a orientação dos opposicionistas ás festas do centenario do descobrimento da India, lavrou o sr. Barreto em vigorosos versos um protesto contra tão patriótica celebração.

Não podemos applaudir este verdadeiro desvario poetico, que como outra cousa se não deve classificar a composição do sr. Barreto Miranda, mas todavia, gostosamente lhe reconhecemos subido merito, fazendo votos para que o auctor empregue de futuro o seu talento em assumpto mais grato.

Sangue e redempção por Leopoldo Francisco da Costa — Outubro de 1897. India — Praia do concelho de Salsete.

Dedicado á memoria de seu pae, o sr. Nicolau Francisco da Costa, tenente coronel que foi da arma de artilheria no Estado da India, publicou o sr. Leopoldo Costa um bem impresso folheto contendo duas poesias, *Sangue e Redempção*, as quaes o auctor considera como «dois caprichos innocentes carregados no papel».

Embora inspiradas por acontecimentos politicos, estas duas composições apresentam uma delicada concepção poetica.

O auctor declara ainda que não teem intenção politica as suas produções, porque não faz politica litteraria nem litteratura politica.

Os nossos mais fervorosos applausos a quem tão bem comprehende a arte.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa 16.^a serie, n.^o 1 a 3. — Lisboa — Imprensa Nacional — 1897.

Entre os trabalhos insertos n'estes tres numeros da importante publicação, vem um valioso *Methodo pratico da Lingua Mbundu*, fallado no districto de Benguella, feito pelo padre Ernesto Lecomte, illustre superior das missões do Espirito Santo, no districto de Benguella, e que n'este seu estudo revela notaveis qualidades de grammatico e philologo, embora tão modestamente intitule a sua obra, cujo valor se afirma quando comparada com os trabalhos similares.

Nos outros dois numeros do apreciado boletim,

são publicados estudos interessantes do sr. Daniel Grove, Luciano Cordeiro e Vic Levy.

Revista, de *La Union Ibero-Americana* — Madrid, 1897.

Temos presentes os numeros relativos a Novembro e Dezembro de 1897. Inserem nas suas secções de informação geral, finanças, estatística, legislação, litteratura, sciencia e artes, varios artigos, sendo decerto dos mais notaveis os intitulados *Estudos hellenicos em Hespanha*, a que já aqui nos referimos, e o da *Origem e desenvolvimento da linguagem articulada*, assumpto este bem interessante.

Estatutos, da associação de socorros mutuos o «Pelicano» Lisboa — 1897.

Esta prestimosa associação, que tantas vicissitudes tem passado, acaba de publicar os seus estatutos approvados por alvará de 27 de agosto de 1897, lidos em assembleia de 18 de dezembro de 1896, e cujos artigos offerecem importantes regalias aos seus associados.

Posta em vigor a nova lei, é do maximo interesse para a associação que se conjuguem os esforços de todos os seus associados, e por isso a digna direcção renova o pedido que lhes dirigiu no relatório do anno passado, para que permaneçam na associação e dispensem aos corpos gerentes o seu valioso concurso, afim de que no mais curto prazo consigam rehabilitar *O Pelicano*.

Parece-nos, pois que com a boa vontade de todos não será difficil realizar tal desejo; e sem ella, por maior que seja a vontade dos activos corpos gerentes, ha-de ser mais difficiloso conseguir tão legitima ambição.

Subscrivem a circular, em que tal appello se faz, os seguintes senhores:

Domingos Luiz Coelho da Silva, presidente. — Antonio Joaquim da Fonseca, thesoureiro. — Francisco M. Santos, Filipe José Fernandes, vogaes. — Carlos Maria da Silva, secretario.

Revista Mascaró, para cegos e videntes — 20 — Rua do Alçirim — Lisboa — Novembro de 1897.

Muito interessante este numero da *Revista Mascaró*, cujo systema de escripta em relevo, original do illustre ophthalmologo por cujo nome se distingue, permite a sua leitura tambem aos videntes.

Dizemos ser muito interessante este numero porque n'elle se dão curiosas informações acerca da utilização dos cegos na industria, e do exame feito no lyceo por uma menina cega, que estudou pelo systema *Mascaró*.

O Instituto, revista scientifica e litteraria, — Volume XLIV. Numeros X e XI. Coimbra. — Imprensa da Universidade.

São estes dois numeros do Instituto correspondentes aos mezes de Outubro e Novembro de 1897.

Como sempre, o summario é variado e contem artigos interessantes da historia e consulta.

Relatorio e contas, do Asylo dos orphãos desvalidos da Freguezia de Santa Catharina. — Lisboa. — 1897.

Este relatorio foi lido na sessão solemne do 30.

anniversario da fundação do mesmo asylo no dia 1 de janeiro de 1897, e alem das contas respectivas, insere os discursos pronunciados por essa occasião pelos distinctos oradores que com a sua palavra abrilhantaram a cerimonia.

Pelos mapps e outras informações contidas no relatório, vê-se claramente o estado florescente de tão sympathica instituição de caridade, por cujas prosperidades fazemos sinceros votos.

Revista Popular de Conhecimentos Uteis, publicação illustrada. — Lisboa, — 1897.

O summario do ultimo numero recebido é o seguinte:

Higiene do pensamento. — As vinhas americanas. — Um passeio pelo espaço. — O alcoolismo. — A mulher casada. — O calor. — Bibliothecas

conhecimento geral das resoluções, consultas, e mais trabalhos da illustrada commissão.

Diccionario Illustrado. — Propriedade e edição de Francisco Pastor. Fasciculo n.º 52. — 1897.

Está muito adeantada já a publicação d'este diccionario linguistico, scientifico, artistico, industrial, historico, geographico, bibliographico, biographico e mythologico, elaborado segundo os methodos de Larousse, Littré et Beaugéan, Bernard e Bescherelle e destinado ao uso de portuguezes e brasileiros.

Tão util obra forma um unico volume, o que a torna de facil consulta e de incontestavel merecimento pela sua modicidade.

Revista critica de historia y literatura españolas, portuguesas e hispano-americanas. — Madrid — 1897.

Deveras interessantes os n.ºs 8 e 9, do anno II, que temos presentes, de tão conceituada revista, cujos artigos e collaboradores cada vez se extremam melhor, tornando-se meritoria a boa direcção que lhe imprime o nosso amigo e illustre cathedratico da faculdade de direito de Oviedo, D. Rafael Altamira.

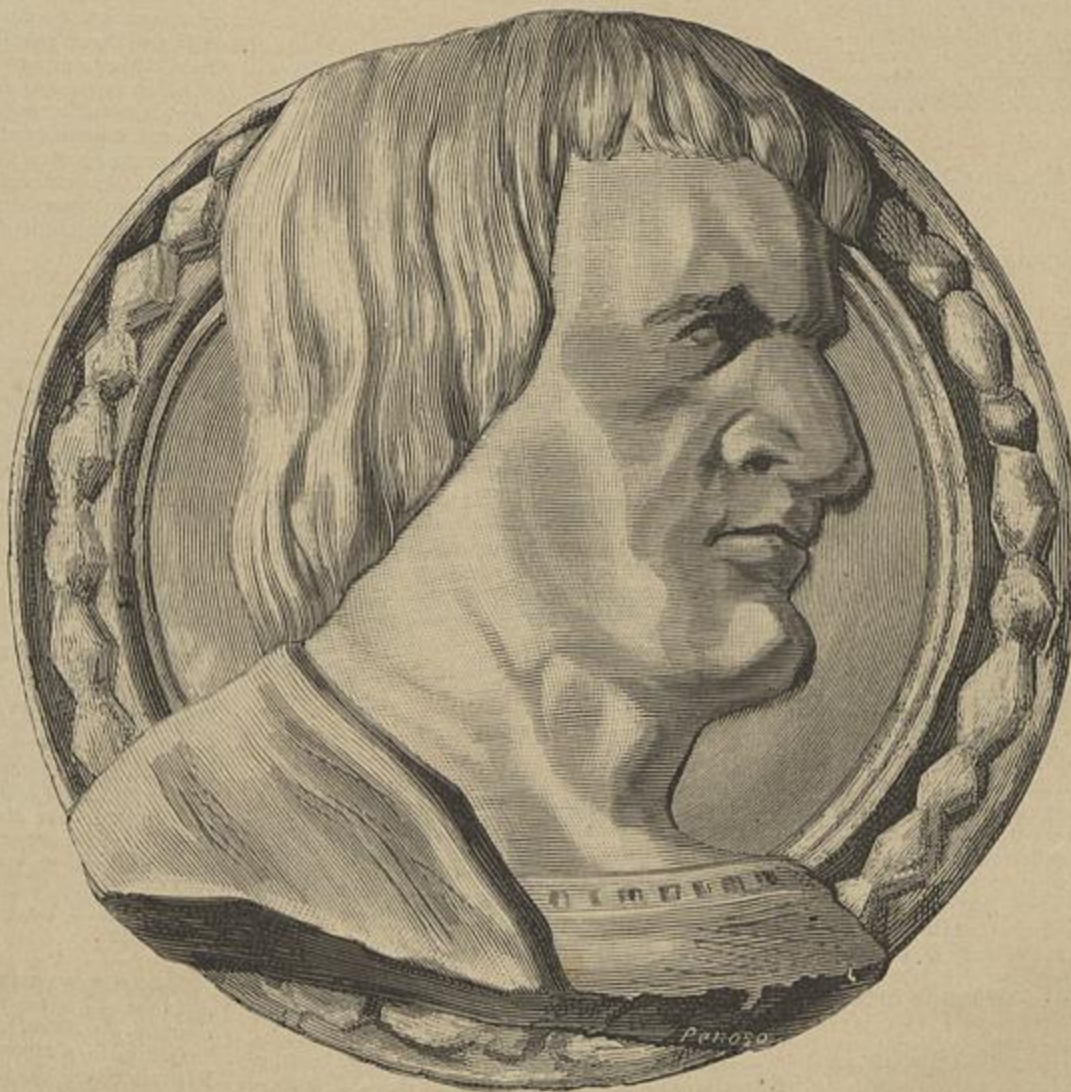
Eis o summario:

Notas criticas: Historia. — K. Haebler: La politica colonial de Portugal y España, de A. Zimmerman. — F. Carreras: Las monedas episcopales vigatanas, de J. Gudiol. — R. Altamira: La Geografia en 1895, de R. Torres Campos. — J. de Barcelona: Legajo de varios, de E. Zerolo. — Literatura. — R. Altamira, La tierra de Campos, de R. Macias.

Comunicaciones y noticias. — R. D. Perés, Noticias catalanas. — P. Sevi y E. Mele, Una oda latina de Garcilasso de la Vega. — F. P. Garfalo, Los Celtas en la Peninsula ibérica. — A. del Arco, Escuela escultórica granadina. — F. Maciñeira, Castros prehistóricos de Galicia. — M. S., La traducción española del More Nebuchim. — Los estudios relativos a España en la Universidad de Bordeaux. — Necrologias: Cánovas, Vidart, Sousa Martins. — Hallazgos arqueológicos. — El teatro español en Buenos Aires. — Centenario da India. — O Adamastor. — Noticias.

Notas bibliográficas. — Libros. — Revistas.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



BOUTACA — ARCHITECTO DO MOSTEIRO DOS JERONYMOS

(Copiado do medalhão existente na igreja)

para creanças. — A lyra. — A terra e o homem. — A musica e a medicina. — As mathematicas. — As harmonias da luz. — *Noticias, inventos e receitas:* Nova tinta vegetal. — Ventilação das habitações. — Cura de queimaduras por meio do leite. — Pomada para evitar a queda do cabello. — Outro satellite de Jupiter. — Depuração das aguas de fabrica por meio da argilla. — O cobre nos vegetaes e animaes. — O veneno das batatas. — Verniz sem alcool. — Agua de colonia antiseptica. — Gelea para empada de ave. etc.

Como se comprehende, todos estes artiguinhos são concisos e offerecem utilidade indiscutivel a quem os ler.

Annaes da commissão central executiva do centenario do descobrimento da India — VI. — *Correspondencia e Actas*. — Lisboa. — Imprensa-Nacional. — 1897.

Já tivemos esjo de noticiar o apparecimento d'estes *Annaes*, cuja publicação se torna util para

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39